

Os novos desafios – Texto de Roberto Rockmann

Neste ano, o comércio exterior brasileiro deverá bater mais um recorde. Pela primeira vez na história, as importações somadas às exportações deverão superar 200 bilhões de dólares. A maior abertura da economia desde a última década e o fim da âncora cambial, em janeiro de 1999, colocaram o mercado externo na ordem do dia de industriais, agricultores e fornecedores de serviços. Multinacionais elegeram o Brasil como plataforma de exportação de seus produtos, novos destinos foram explorados, mais produtos foram acrescentados às vendas, grandes empresas brasileiras abriram fábricas no exterior.

Os embarques brasileiros alcançaram, no ano passado, participação de 1,2% no comércio mundial, o melhor resultado desde 1985, quando o País representava 1,3% do intercâmbio internacional. Há dez anos, 10% da receita da indústria nacional estava ligada às exportações. Hoje esse número saltou para 20%. Montadoras e fabricantes de máquinas e equipamentos já destinam um terço de suas produções para o exterior. No fim da década de 1990, apenas 20% da produção desses segmentos era exportada, segundo estudo do economista Fernando Puga, do BNDES.

Montadoras e fabricantes de máquinas já exportam um terço de sua produção

O fôlego exportador cresceu, mas o potencial ainda é enorme. Os números brasileiros são muito pequenos se comparados aos de outros países emergentes. Não bastasse o longo caminho a percorrer – o superávit chinês neste ano deve chegar a 130 bilhões de dólares, o mesmo montante das exportações brasileiras neste ano; já a Coreia do Sul embarcou em 2005 mais de 500 bilhões de dólares em produtos –, uma ameaça paira no ar: a valorização do real, que poderá afetar a resistência do exportador e ter impacto sobre a industrialização do País. O pacote cambial, anunciado pelo governo nessa semana, facilita a vida dos exportadores, ao reduzir a burocracia e os custos, mas a política de juros altos, que contribui para o real forte, e a alta carga tributária sobre a produção ainda são grandes entraves.

“Produtos de maior intensidade tecnológica, como celulares, automóveis e aviões, estão tendo forte crescimento. Há uma preocupação em aumentar o valor agregado das vendas, essa é uma tendência crescente”, diz o secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Armando de Mello Meziat. Hoje os bens manufaturados respondem por 55% das exportações brasileiras. Desse universo, cerca de 40% são de produtos de média e alta intensidade tecnológica.

No ano passado, o setor de material de transportes acumulou exportações de 19 bilhões de dólares, cerca de 15% dos embarques em 2005 e alta de 20% em relação a 2004. Fabricantes de celulares, cujos embarques cresceram 220% e somaram 2,4 bilhões de dólares em 2005, desbravaram um mercado inexistente na metade da década de 1990 e hoje já exportam um terço de sua produção.

Além da melhora da pauta exportada, houve uma diversificação de destinos. Um exemplo da busca de novos mercados pode ser visto no setor de carne bovina. Por barreiras econômicas, o País não tem acesso a 60% do mercado mundial do produto, que, ainda assim, responde por cerca de um terço de suas exportações mundiais. A estratégia é diversificar destinos e aumentar o valor agregado dos embarques, diz o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Marcus Vinícius Pratini de Moraes. No primeiro semestre, apesar do real valorizado, as exportações cresceram 16% e somaram 1,7 bilhão de dólares. No ano, o setor pode fechar com receita de até 3,8 bilhões de dólares. O bom desempenho deve-se ao consumo de países emergentes, como Egito, Bulgária, Arábia, Irã e Filipinas.

“Exportamos mais para o Leste Europeu, Ásia, África e para a América Latina, que há dez anos representavam muito pouco do nosso comércio”, diz Meziat. Em 2005, as exportações para a América Latina e o Mercosul representaram 21,5% de todas as exportações feitas pelo Brasil, só perdendo para a União Européia, cuja fatia é de 22,5%. Já os Estados Unidos têm 19,2%, e a Ásia, 15%. O crescimento da Ásia explica-se pelo maior intercâmbio com a China, que em dez anos se tornou um dos três principais parceiros comerciais do Brasil, cujos embarques para lá representam cerca de 6% das exportações totais (em 1996 eram de apenas 2%). Aproximadamente 8% das importações feitas pelo Brasil neste primeiro semestre vieram do país asiático – em 1999 representaram apenas 1,8%.

valorizado reduziram a competitividade para crescer no mercado externo. A partir de 1999, com uma moeda desvalorizada, o cenário mudou. As exportações, que mal chegavam à casa dos 4 bilhões de dólares, atingiram no ano passado 8,6 bilhões de dólares. Hoje 37,5% do faturamento do setor está ligado ao exterior. "Neste ano esse percentual deve aumentar, apesar do real valorizado, porque os pedidos internos estão muito fracos", afirma o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), Newton de Mello.

Vender para o exterior é uma forma de reduzir a ociosidade das fábricas. Dos mais de mil associados da entidade, mais da metade já exporta seus produtos. "O crescimento mundial está forte, está fácil de vender para o mundo, mas não está sendo lucrativo", diz. Manter os contatos feitos é palavra de ordem. Nos cinco primeiros meses do ano, as exportações cresceram 10%, somando 3,8 bilhões de

dólares. Apesar do desempenho, o setor fechou o balanço até maio estagnado, pelo fraco ritmo dos pedidos do mercado interno. O câmbio valorizado está fazendo com que alguns clientes comprem máquinas e equipamentos do exterior. As importações de máquinas da China cresceram 99%, as da Coreia do Sul, 58%.

"São países que adotam a estratégia do câmbio baixo e têm forte política industrial", diz Mello. Ao mesmo tempo, a crise agrícola afeta a venda de máquinas para o mercado interno. Nos últimos dois anos, as vendas caíram mais de 50%. Situação agravada pelo real valorizado, que reduz as exportações dos bens agrícolas. "No atual ritmo, nossas exportações devem bater novo recorde, mas no geral a indústria pode ter queda de até 5% neste ano", diz o presidente da Abimaq.

A filial brasileira da francesa Alstom, que atua na fabricação de equipamentos de transportes e de energia, foi posicionada pela matriz em 1996 como plataforma de exportação. Hoje, 40% de sua produção tem como destino o exterior. Trabalha-se em pedidos para o metrô de Nova York e o de Santiago, no Chile, e encomendas para hidrelétricas na América Latina. "A situação começa a ficar complicada e pode afetar novos projetos, poderemos perder encomendas de energia para a China ou Índia", afirma a superintendente de Comércio Exterior, Christiane Aché. A fábrica de transportes em São Paulo, no momento, só atende a pedidos do mercado externo, em razão da falta de encomendas internas.

Fabricante de máquinas para o setor de papel e celulose, a Voith Paper reduziu seus embarques com a valorização do câmbio no início do Plano Real. Depois de 1999, começou a exportar de 40% a 60% de sua produção. Neste ano, essa fatia pode cair abaixo de 20%. "É difícil manter a competitividade na produção de manufaturados, os custos industriais cresceram muito e o dólar caiu demais nos últimos dois anos. Mesmo nos produtos em que somos excelência mundial, no grupo há discussão se ele será feito no Brasil", afirma o presidente da empresa, Nestor de Castro Neto.



DIVERSIFICAÇÃO AUMENTA
Principais bens exportados 2005 Em US\$ bilhões

| | |
|-------------------------|------|
| Material de transporte | 19,1 |
| Metalurgia | 12,6 |
| Complexo soja | 9,5 |
| Petróleo e combustíveis | 9,0 |
| Minérios | 8,0 |
| Carnes | 7,9 |
| Químicos | 7,5 |
| Máquinas e equipamentos | 6,9 |
| Equipamentos elétricos | 4,9 |
| Açúcar | 4,7 |

Fonte: Mdic

chegar no ponto em que ficará muito difícil produzir aqui, aí as indústrias acabariam se deslocando para outros centros”, diz Castro Neto. O cenário de juros altos, infra-estrutura deficiente e câmbio valorizado ganha outro complicador, a China, que pode se tornar um grande concorrente das empresas nacionais, vendendo produtos manufaturados de tal forma que o Brasil reduziria a produção desses bens e focaria sua produção em commodities.



Reuters

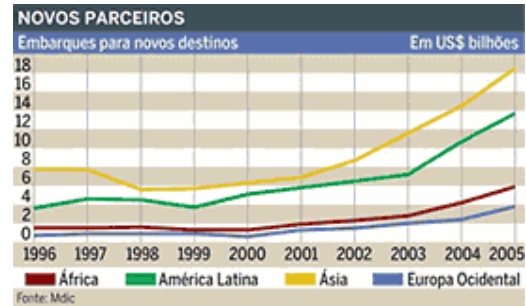
China.
O gigante asiático representa
oportunidades e riscos para industriais e
agricultores

O crescimento do comércio exterior foi acompanhado pela criação de multinacionais brasileiras. Segundo cálculos do professor David Kupfer, da UFRJ, ao longo da década de 1990, o valor acumulado de investimento direto de companhias nacionais não ultrapassava 2,5 bilhões de dólares, quase todo sob responsabilidade da Petrobras. A indústria de manufatura teria respondido por apenas 10% desse valor. Com a criação do Mercosul e a abertura econômica, desde 2001 o fluxo de investimentos tem superado com folga 1 bilhão de dólares anuais.

Hoje se destacam duas dezenas de empresas brasileiras com mais de 50 indústrias em operação no exterior. Caso a competitividade nacional continue a se reduzir, essa internacionalização poderá implicar queda do nível de atividade dessas indústrias no Brasil, já que elas deslocariam a produção para o exterior em busca de custos mais baixos.

O agronegócio passou por uma revolução desde o início da década passada. As exportações triplicaram, chegando à casa dos 40 bilhões de dólares, e o Brasil tornou-se um dos principais exportadores mundiais de soja, carnes, açúcar e café. A posição de liderança também dissemina a intenção de agregar mais valor aos produtos exportados. Um dos exemplos pode ser visto no café. Por quase três séculos, o País vendeu matéria-prima e hoje está longe de alcançar Alemanha e Itália, maiores exportadores de café industrializado do mundo. Nos últimos anos, os produtores brasileiros vêm tentando mudar essa história.

Em 2003, foi criado em conjunto com a indústria nacional um programa da Agência de Promoção de Exportações (Apex) para estimular as vendas de café industrializado moído e torrado, agregando valor ao produto nacional. No ano passado, o volume comercializado chegou a 15 milhões de dólares. Neste ano, deve dobrar, diz o diretor-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), Nathan Herszkowicz. “Mudar uma cultura não é fácil”, afirma o executivo. De 26 milhões de sacas de café a ser exportadas neste ano, cerca de 24 milhões de sacas serão de grão verde. O restante é de café moído e torrado e de café solúvel.



Em outra frente, produtores brasileiros também trabalham na elaboração de grãos especiais. As exportações estão crescendo para mercados diversos, do Japão ao Leste Europeu. "A maior parte da produção destina-se ao exterior, e estamos crescendo cerca de 15% ao ano", diz o presidente da entidade que reúne os produtores de grãos especiais, Alexandre Frossard Nogueira. A produção desse tipo de café ainda é inferior a 5% do total. A busca da qualidade superior e os detalhes sobre a procedência, porém, indicam que a agricultura ensaia os primeiros passos rumo ao mercado de Denominações de Origem Controlada, tão presente na Europa.

Nos últimos dez anos, as exportações totais do Brasil pularam de 47 bilhões de dólares para 118 bilhões de dólares. Devem chegar neste ano a 130 bilhões de dólares. "Boa parte do crescimento vem da expansão da economia mundial e da alta dos preços das commodities, que ainda representam boa parte dos embarques brasileiros", afirma o economista da RC Consultores Fabio Silveira. Apenas soja, petróleo e minério de ferro representaram no ano passado 27 bilhões de dólares em exportações, cerca de um quinto do total embarcado pelo País. "Os preços das commodities deverão ter uma correção em algum momento, teríamos de ter avançado muito mais nas exportações de bens mais elaborados. Em vez de exportar aço, teríamos de exportar mais produtos siderúrgicos transformados. Houve uma mudança exportadora, mas o real valorizado pode fazer com que as commodities avancem ainda mais."

"Petróleo e álcool devem ganhar espaço na pauta de exportação nos próximos anos, deve também haver maior venda de produtos refinados de petróleo por conta da auto-suficiência da Petrobras", diz o economista da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) Fernando Ribeiro.

Cenário de possibilidades

A valorização do real e o crescente aumento de custos têm feito o setor agrícola viver dias difíceis. Um exemplo pode ser visto na soja, cuja receita pode cair 22% – para 21 bilhões de reais neste ano, segundo a RC Consultores. O prejuízo pode levar a uma redução de até 15% na área plantada e fazer com que parte da produção seja deslocada para países como Argentina, China e Índia. Enquanto a maioria dos agricultores contabiliza perdas, o setor sucroalcooleiro vive dias de euforia. Com oferta e demanda apertadas, o preço do açúcar bate altas sucessivas, enquanto a disparada na cotação do petróleo põe em evidência o álcool.

Diante do cenário, as tradings que atuam no setor e respondem por cerca de 30% dos embarques de bens agrícolas têm intensificado novas estratégias e buscado reduzir ainda mais seus custos. Na SAB Trading, o foco no momento é atuar mais em açúcar e álcool e reduzir a comercialização de café e soja. “No setor sucroalcooleiro, as margens ainda permitem nossa atuação”, afirma a presidente da empresa, Germana Guinle. A expectativa de que o álcool possa abastecer uma parte do mercado de combustíveis internacionais é um grande incentivo para esse mercado. Estima-se que os embarques pulem de 3 bilhões de litros para 10 bilhões de litros nos próximos anos.

A decisão da Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os subsídios dados pela União Européia à exportação de açúcar deve fazer com que o Brasil, já o maior produtor mundial de açúcar, aumente ainda mais sua participação no mercado. “Estamos investindo no setor sucroalcooleiro por meio da busca de aquisições de usinas e destilarias”, diz o presidente da Coimex Trading, Clayton Hygino de Miranda. Outros investimentos, segundo ele, estão sendo feitos na construção de um novo terminal portuário, que terá um setor exclusivo para a exportação de álcool. “O álcool etílico deve se tornar em pouco tempo uma commodity energética e consideramos que ele seja a commodity com maior potencial de crescimento na pauta exportadora do Brasil”, afirma Hygino de Miranda.

Já as tradings que têm maior atuação no segmento industrial estão assistindo ao crescimento das importações, com o real valorizado. Um dos principais destaques são as compras externas de equipamentos industriais, o que pode indicar que as empresas estão buscando melhorar a sua competitividade, diz o presidente da Cisa Trading, Antonio Pargana. Como muitas empresas não vêem muito espaço para a desvalorização do real, elas buscam obter financiamento no exterior para a aquisição de máquinas, já que o risco cambial é pequeno.

“O volume de importações brasileiras deve crescer mais de 20% neste ano”, afirma Pargana. E as



grande entrave para as exportações é o crédito, se houvesse linhas mais acessíveis poderíamos financiar a produção exportável”, diz Pargana. Enquanto linhas de financiamento no Japão, na Europa e nos Estados Unidos estão entre 4% e 7% ao ano, no Brasil as taxas estão em cerca de 2% ao mês. “Só podemos financiar ciclos de produção curtos, de dez dias”, afirma ele.

Outro problema é a carga tributária. Quem comercializa commodities agrícolas, por exemplo, está acostumado com margens pequenas, de 1% a 1,5%. Quando se faz uma movimentação financeira – ao receber uma quantia e pagar o fornecedor –, a empresa é taxada em 0,38% de Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). “De uma vez só, perde-se quase 50% de lucratividade”, diz Germana, da SAB Trading.



Jonathan Campos/Gazeta do Povo

MARGENS ESTREITAS.
Na venda de grãos,
a carga tributária reduz
em até 50% a lucratividade

Há duas décadas, cerca de 30% do volume exportado pelo País passava pelas tradings. Hoje, esse percentual está na casa dos 10%. Grandes empresas passaram a exportar elas mesmas sua produção, e ao mesmo tempo pequenas e médias empresas ainda respondem por uma pequena fatia do comércio exterior brasileiro. As 20 maiores exportadoras do Brasil respondem por cerca de 30% dos embarques totais do País. Existem perto de 10 mil pequenas e médias empresas que vendem para o exterior parte de sua produção, mas elas representam apenas 2% do volume exportado pelo Brasil.

“A maior atuação das tradings poderia ser uma forma de desconcentrar esses números”, afirma o professor Celso Grisi, da Fundação Instituto de Administração, autor de um livro sobre a experiência das tradings. Criar um departamento de comércio exterior implica alto custo para muitas pequenas e médias empresas. “As tradings desempenharam papel importante em muitos países, como no Japão, elas pesquisam mercado e produtos, podem participar da pesquisa e desenvolvimento, financiam produção, podem estruturar cadeias de distribuição, agregando valor aos produtos vendidos”, diz Grisi.

No Japão, as tradings tiveram papel importante na recuperação da economia no pós-guerra

“No Brasil, a atuação ficou a dever pela falta de prioridade ao comércio exterior e porque a legislação no início previa que elas repassariam incentivos fiscais e linhas de crédito mais baratas. Não se elaborou um projeto mais amplo”, diz. A forma de captação mais acessível acabou atraindo bancos e instituições financeiras, desvirtuando as intenções iniciais da legislação, lançada em 1972. No início da década de 1990, as linhas de financiamento foram extintas.

O histórico das tradings no mundo é antigo. Na Revolução Industrial, tradings inglesas, em Manchester e Liverpool, exportavam bens manufaturados e traziam especiarias. O caso moderno mais bem-sucedido é o do Japão. Destruído na Segunda Guerra Mundial, o Japão tinha de reconstruir sua base produtiva, expandir sua economia e aumentar sua base tecnológica. A escassez de recursos naturais da pequena ilha implicava a necessidade de importação de matérias-primas de todos os cantos do mundo. Para pagar esses compromissos e internalizar tecnologia, seria essencial exportar bens manufaturados, elevando a competitividade da economia do país asiático.

XIX, com a abertura do país ao mercado mundial, as tradings também tinham desempenhado importante função na economia: expandiram-se além da importação e exportação de bens e serviços, organizando e coordenando a formação de grupos industriais. Buscavam informações, forneciam redes de contatos, serviços legais e alfandegários, o que reduzia o risco para pequenas e médias empresas que se aventurassem no comércio exterior.

Papéis que seriam repetidos e ampliados após a Segunda Guerra. "As tradings japonesas não foram apenas intermediárias de transações financeiras, mas bancos, investidoras de capital, mineradoras e empresas de manufatura", relatam Sei Yonekura e Sara McKinney, em estudo sobre essas empresas no livro *Leviathans*, da Cambridge University Press. "O envolvimento dessas empresas ia da extração de matéria-prima ao desenvolvimento de mercados e intercâmbio comercial com os compradores finais", afirmam os dois pesquisadores.

Diferentes rotas de expansão

Vinte e um anos atrás, quando o Brasil registrava 1,3% de participação no comércio mundial, sua melhor marca histórica, as exportações do País alcançavam 25 bilhões de dólares – mesmo patamar do México e da China naquele ano. Hoje os números mudaram. Com uma fatia de 8% do comércio mundial, as vendas externas da China superam com folga 600 bilhões de dólares. No México os embarques alcançam 200 bilhões de dólares. Já o Brasil deve exportar neste ano 130 bilhões de dólares e sua presença no intercâmbio internacional está em 1,2%. Estratégias econômicas e políticas diferentes ao longo das últimas três décadas proporcionaram inserções diversas na economia mundial.

A partir de 1979, o governo chinês iniciou uma série de mudanças para aumentar sua inserção externa, modernizar o parque produtivo e se posicionar em um futuro próximo entre as maiores economias mundiais. Nesse contexto, em 1980, foram criadas as Zonas Especiais Econômicas, que atraíam investimentos com base em isenções tributárias e tarifárias para as indústrias de setores exportadores e de segmentos-alvo da política de substituição de importações. “O sucesso dessas experiências fez com que, posteriormente, a política de zonas especiais fosse estimulada e fossem criadas zonas para a atração de investimentos para o desenvolvimento dos setores como energia e transportes”, relata Luciana Acioly, do Instituto de Economia da Unicamp, em estudo sobre a inserção chinesa no comércio mundial.

Deu-se prioridade à atração de investimentos externos vinculados à política de comércio exterior do país, que privilegiava os setores de bens manufaturados e de alta intensidade tecnológica, a obtenção de reservas em moeda estrangeira para garantir o ritmo da modernização (as multinacionais tinham cotas de exportações e obrigações para manter equilibradas as contas em moeda estrangeira) e o controle da propriedade de capital, forçando em muitos casos a associação do investidor externo com o nacional.



ESTRATÉGIAS DE CRESCIMENTO

Em %

| | Fatia de embarques mundiais de manufaturados | | Participação em valor agregado nas exportações de manufaturados | |
|---------------|--|------|---|------|
| | 1980 | 1997 | 1980 | 1997 |
| Brasil | 0.7 | 0.7 | 2.9 | 2.7 |
| México | 0.2 | 2.2 | 1.9 | 1.2 |
| Argentina | 0.2 | 0.2 | 0.9 | 0.9 |
| Coréia do Sul | 1.4 | 2.9 | 0.7 | 2.3 |
| China | 1.1 | 3.8 | 3.3 | 5.8 |
| Índia | 0.4 | 0.6 | 1.1 | 1.1 |

Fonte: Unctad

A estratégia chinesa também tem na moeda uma de suas estratégias para deslançar o crescimento e a produtividade. Na metade da década de 1990, para aumentar a competitividade, o país asiático desvalorizou sua moeda, o yuan, e a manteve fixa até julho de 2005, quando passou a flutuar dentro de uma banda estreita. Os juros, ao redor de 5%, são um estímulo à produção. A carga tributária está em torno de 18%. De 1994 a 2004, a produtividade do trabalho e o salário vêm crescendo mais de 12% ao ano. Em pouco mais de duas décadas, a China tornou-se um dos três maiores exportadores do mundo.

Outro exemplo bem-sucedido é o da Coréia do Sul. Em 1962, o país, com um PIB per capita de apenas 82 dólares e esfacelado por uma guerra, punha em prática um plano de desenvolvimento econômico. A virada começou com a lei que tornou o ensino básico obrigatório. A revolução educacional permitiria a formação de mão-de-obra bastante qualificada. Foi imposto um dirigismo estatal à economia de mercado. Os fluxos de investimentos externos foram direcionados ao fomento de empresas nacionais, estatais e privadas, e ao aprendizado tecnológico. Uma política pró-exportações fez os grupos coreanos terem grande preocupação com a inovação tecnológica. Setores como microinformática e automóveis foram incentivados. Hoje a Coréia responde por cerca de 3% das exportações de manufaturados no mundo.

Revolução educacional foi o primeiro passo para a virada econômica da Coréia do Sul

externa. A queda da liquidez internacional após o segundo choque do petróleo, em 1979, tinha reduzido seu dinamismo. A partir do fim da década de 1980, o governo mexicano promoveu mudanças econômicas para crescer. Privatizações e maior abertura com outros países seriam as duas principais receitas adotadas.



Damian Dovarganes/AP

**MÉXICO. Maquiladoras
ampliaram o espaço
com a criação do Nafta**

O principal motor da inserção externa mexicana deu-se em 1994, com a assinatura do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), que estabeleceu a liberação progressiva do comércio entre Estados Unidos, Canadá e México. O acordo fez as maquiladoras – empresas que importam peças e componentes de suas matrizes estrangeiras para que bens, como carros e aparelhos de som, sejam manufaturados e depois exportados – ganharem mais espaço. Empresas americanas – hoje responsáveis por dois terços dos recursos externos no país latino – investiram em linhas de montagem no México.

Por conta disso, o valor agregado dos embarques mexicanos é baixo. Estudo da Unctad aponta que em 1980 a participação do México no valor agregado de exportações mundiais de manufaturados era de 1,9%. Em 1997, era de 1,2%. “Não há internalização de todas as etapas de produção de um bem, nem de internalização de pesquisa e desenvolvimento”, diz a professora do Instituto de Economia da Unicamp Daniela Prates. Outro lado da moeda foi a grande dependência dos Estados Unidos, que representam mais de 70% do comércio exterior mexicano.

E o Brasil? O primeiro choque do petróleo, em 1973, tornou as importações da commodity e de máquinas e equipamentos muito caras. A estratégia adotada foi substituir importações nos setores de insumos básicos e bens de capital. O aumento da liquidez internacional, com os petrodólares e as taxas de juros negativas nas principais economias mundiais, e a baixa poupança interna fizeram o país buscar financiamento externo para tocar projetos industriais e de infra-estrutura.



Veio o segundo choque do petróleo e, com ele, a queda da liquidez internacional. Chegava a crise. “Como o período se caracterizou por uma elevação da taxa internacional de juros, o país passou a arcar com compromissos cada vez mais pesados”, relata Boris Fausto em seu *História do Brasil*. A moratória do México, anunciada em 1982, agravou a situação. Em fevereiro de 1983, o Brasil recorria ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Quatro anos depois, o governo brasileiro suspendia o pagamento dos juros de sua dívida externa. A hiperinflação corroía as finanças e tornava-se uma das grandes preocupações dos economistas, ao lado da discussão do papel do Estado na economia.

Na década de 1990, optou-se por uma reformulação do Estado brasileiro. Com o Plano Real, o governo FHC avançou na liberalização da economia, por meio de privatizações e da abertura das importações. Os

importação, porém, reduziram o fôlego exportador de muitas indústrias e abriram um buraco nas contas externas. Os juros eram – e continuam sendo – a receita adotada para reduzir oscilações externas (de 1994 a 2006, a taxa real nunca esteve abaixo de 10%). Em 1998, o déficit em conta corrente ultrapassou 30 bilhões de dólares. Em janeiro de 1999, após as eleições, Fernando Henrique Cardoso desvalorizava o real. A partir daí, com o câmbio atraente, as empresas passaram a aumentar suas exportações e ver no comércio exterior uma possibilidade de aumentar suas vendas, ainda mais pelo baixo crescimento interno.